

ESPORTES E RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM HEARTSTOPPER: ATUAÇÃO DE IMAGENS DE CONTROLE E MOVIMENTO DE AUTODEFINIÇÃO

SPORTS AND GENDER AND SEXUALITY RELATIONS IN HEARTSTOPPER: CONTROLLING IMAGE ACTUATION AND SELF-DEFINITION MOVEMENT

Pedro Augusto Pereira ¹

Resumo

Este artigo consiste em uma análise das práticas esportivas na série de TV *Heartstopper*, observando de que modo os esportes ajudam a definir hierarquias e papéis de gênero entre as personagens em uma escola exclusiva para garotos. Por meio dos conceitos de imagens de controle e autodefinição, de Patricia Hill Collins, analiso a relação do protagonista da série, Charlie, com os esportes ao longo da história, sobretudo a partir de sua entrada no time de *rugby* da escola. Na série, o *rugby* aparece como definidor do que é ser homem de verdade, da heterossexualidade e da virilidade. Ainda que não seja possível, por meio apenas da análise da série, estabelecer de fato uma imagem de controle referente a homens gays, acredito que seja possível falar em elementos capazes de compor uma imagem de controle. A homofobia faz parte do comportamento dos garotos do *rugby* e ajuda a estabelecer sua masculinidade, assim como a prática de esportes. No entanto, também é uma prática esportiva que simboliza o movimento de Charlie de recusa de imagens impostas, superação de traumas e autodefinição.

Palavras-chave

imagens de controle; autodefinição; masculinidade; homofobia; esportes.

Abstract

This paper consists of an analysis of sports practices in the TV series *Heartstopper*, observing how sports help to define hierarchies and gender roles among the characters in a boys exclusive school. Using the concepts of controlling images and self-definition, by Patricia Hill Collins, I analyze the relationship of the series' protagonist, Charlie, with sports throughout the story, especially after joining the school's rugby team. In the series, rugby appears to define what it means to be a real man, heterosexuality and virility. Although it is not possible, based solely on an analysis of the series, to actually establish an image of control in relation to gay men, I believe it is possible to talk about elements capable of composing an image of control. Homophobia is part of the behavior of rugby boys and helps establish their masculinity, just like playing sports. However, it is also a sporting practice that symbolizes Charlie's movement of refusing imposed images, overcoming trauma and self-definition.

Keywords

controlling images; self-definition; masculinity; homophobia; sports.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), doutorando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com bolsa Capes, pedroaep@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-5478-8863>, <http://lattes.cnpq.br/0065288406152579>.

Introdução

A série *Heartstopper* é uma produção original da Netflix que traz uma adaptação da série de quadrinhos de mesmo nome escrita por Alice Oseman². A história, no estilo “garoto encontra garoto” (*boy meets boy*), é centrada nos adolescentes britânicos Charlie Spring (Joe Locke) e Nick Nelson (Kit Connor) que se conhecem e se apaixonam num colégio exclusivo para rapazes. Charlie é um rapaz gay, assumido, que foi “tirado do armário” no ano anterior ao início da história e foi vítima de *bullying* e homofobia de colegas da escola, ele toca bateria e é o melhor corredor da sua turma de Educação Física. Já Nick é a estrela do time do rugby da escola, muito popular, e que, ao longo da série, descobre-se bissexual a partir de sua atração por Charlie.

As práticas esportivas não são o centro da narrativa de *Heartstopper*, mas atravessam as construções das personagens e as relações entre elas de mais de uma maneira. Neste texto, direciono meu foco à relação, na série, de Charlie Spring com os esportes e o ambiente esportivo na escola. Argumento ser possível compreender essas relações em *Heartstopper*, na história de Charlie, com base nos conceitos de imagem de controle e autodefinição da estadunidense Patricia Hill Collins (2019). Indicando uma representação específica “que se articula a partir de padrões estabelecidos no interior da cultura ocidental branca”, o conceito de imagem de controle “se diferencia das noções de representação e estereótipo a partir da forma com que as mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade” (Bueno, 2020, p. 73). Aqui, busco trabalhar com esse conceito operador de Collins (2019) aplicado a dinâmicas de gênero e sexualidade entre as personagens da escola exclusiva para garotos da série britânica.

Como a dimensão ideológica (Bueno, 2020) da matriz interseccional de dominação, as imagens de controle funcionam, neste trabalho, como operador teórico-metodológico para o estudo da relação entre as personagens da série, as práticas esportivas e dinâmicas de poder que envolvem gênero e sexualidade. Collins (2019) não apresenta, em seu trabalho, imagens de controle referentes a outros grupos sociais que não as mulheres negras estadunidenses, mas indicia que elas existem.

Aqui, faço uma análise de *Heartstopper*, por meio das práticas esportivas, buscando indícios da operação das imagens de controle, ou seja, de sua operação, que justifique e naturalize práticas de opressão (Bueno, 2020). Além das ideias de imagem de controle e autodefinição de Collins (2019), apresento uma discussão teórica com foco nas práticas esportivas e no ambiente escolar e seu papel nas construções de relações de gênero, definições de masculinidade/virilidade e exclusão de pessoas LGBTI+, especialmente, neste trabalho, pessoas gays.

Ainda que seja estabelecido desde o primeiro episódio da série que Charlie possui habilidades para a prática esportiva, ou ao menos algumas, já que ele é um excelente corredor, também fica estabelecido que ele não pertence ao ambiente de prática de

2 Pessoa não-binária, assexual e branca. Escreve e desenha a série em quadrinhos de *Heartstopper* e é responsável pelo roteiro da adaptação para a Netflix, além de ter publicado romances que fazem parte do mesmo universo ficcional, chamado de Osemanverso por fãs. Seu trabalho é bastante focado em discussões de saúde mental e diversidade sexual e de gênero, em geral protagonizando personagens adolescentes, em idade escolar.

esportes na escola, que não é aquele seu lugar. Assim como na sociedade, em *Heartstopper*, as práticas e culturas esportivas são permeadas de mais do que o esporte em si.

Esportes, escola e masculinidade

Os esportes e as escolas são alguns exemplos de instituições (re)produtoras de modos de existência – e de hierarquias – dentro da matriz interseccional de dominação (Collins, 2019) que tem a cis-heterossexualidade viril como um projeto bem articulado desde a infância (Oliveira, 2018), estabelecendo a suposta naturalidade da heterossexualidade (cisgênera), sendo ela a única opção. Somos todos criados para sermos heterossexuais, portanto, somos ensinados a ser heterossexuais (cisgêneros).

Nascemos e somos apresentados a uma única possibilidade de construirmos sentidos identitários para nossas sexualidades e gêneros. Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. E, como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade. Se meninos gostam de brincar de boneca ou meninas odeiam brincar de casinha, logo terá um olhar atento para alertar aos pais que seu/sua filho/a tem comportamentos “estranhos” (Bento, 2011, p. 552).

O estabelecimento da heterossexualidade como universal e sua naturalização como base de toda sociedade, por meio de uma série de instituições, formulações e categorias forma o que Monique Wittig (2022) nomeia de *pensamento hétero*. Segundo a autora, a produção de categorias binárias, tendo por base a heterossexualidade, que produz a diferença entre os sexos, estrutura o pensamento hétero, vigente em nossa sociedade, de tal forma que esse é incapaz de conceber uma cultura e uma sociedade que não seja pautada na heterossexualidade (Wittig, 2022). A obrigatoriedade da heterossexualidade – e da estrutura binária de gênero – são ensinadas desde a infância (Bento, 2011; Oliveira, 2018), sob a retórica de naturalidade, estabelecendo a heterossexualidade como única possibilidade.

A criança como dispositivo pedagógico que permite a naturalização da heterossexualidade (Preciado, 2014) autoriza o ataque sobre as infâncias que não estão alinhadas com as normas de sexualidade e de raça. Não há pudor em se tentar promover o apagamento de uma infância distintiva da cis heterossexualidade branca. (Oliveira, 2018, p. 188-189).

Nas escolas, aulas de Educação Física – destinadas a práticas esportivas – são um momento privilegiado de se ensinar e impor normas de gênero e sexualidade, sendo, também, uma pedagogia cultural introduzida nas escolas “pautada em uma perspectiva médico-higienista, passando pela segregação por gêneros” e que pode ser considerada como uma *disciplina* – palavra trazida com duplo sentido intencional – que “disciplina os comportamentos, ao (re)produzir padrões de normalização social em torno dos gêneros, dos sexos, das sexualidades” (Prado; Ribeiro, 2010, p. 406). Na

Educação Física das escolas se ensina o esporte e suas regras, inclusive as regras de gênero. Para além das escolas, no Brasil, conforme Bandeira e Seffner (2013), o futebol e suas práticas do torcer, e a homofobia amplamente associada a ambos, têm um papel privilegiado na construção da masculinidade.

O esporte moderno é uma arena de construção de gênero. Nessa construção a masculinidade, como na ampla maioria das esferas da cultura, ocupa um lugar privilegiado. A masculinidade esportiva carrega uma série de exigências dos atores envolvidos, sejam eles atletas ou torcedores (Bandeira; Seffner, 2013, p. 247).

A masculinidade viril heterossexual ocupa esse lugar privilegiado no esporte. Há diversas normas mais ou menos explícitas voltadas a melhor ensiná-la, produzi-la e defendê-la, bem como sua posição de dominação. Nas escolas brasileiras, por exemplo, o futebol é a prática privilegiada e, ao mesmo tempo, a prática masculina (Prado; Ribeiro, 2010).

O Brasil é o “país do futebol” e é um país em que, desde a colonização, o padrão de corpo-subjetividade desejado é masculino e viril (Lucas Lima, 2017; Trevisan, 2018). Uma frase que muitas pessoas já ouviram na Educação Física nas escolas é “os meninos jogam futebol, e as meninas jogam vôlei”. Ou seja, há esportes “para homens” e esportes “para mulheres”, num determinado tempo e cultura, tendo o vôlei sido introduzido “no Brasil pela necessidade de se adaptar a ‘fragilidade’ feminina a um jogo coletivo” (Prado; Ribeiro, 2010, p. 409). O caso do vôlei nas escolas brasileiras é particularmente interessante para estabelecer essa relação, afinal essa associação com gênero se mantém mesmo diante das diversas campanhas vitoriosas da seleção masculina de voleibol, desde o século passado, e sua relativa popularidade no país.

Muitos conflitos entre estudantes podem ser desencadeados por questões similares aos exemplos citados. A menina que briga para ser aceita em uma partida de futebol, ou o menino que passa longe dos campos ao buscar espaço para se manifestar corporalmente na quadra de voleibol ou arriscando alguns passos de dança em algum canto do pátio, podem acabar alvos de comentários acrícos, normalizadores e estigmatizantes por não adentrarem no jogo padronizado das atividades que melhor se enquadrariam para seus gêneros (Prado; Ribeiro, 2010, p. 409).

Também os esportes são instituições utilizadas para produzir hierarquias internas nas relações de gênero, especialmente na construção da masculinidade, como pode ser visto nas relações dos alunos da escola fictícia de *Heartstopper*, em que os atletas de rugby parecem possuir um status superior aos que não são atletas de rugby. Essa modalidade esportiva ocupa um lugar importante na construção e reforço das masculinidades na Inglaterra (Silva; Almeida, 2020), com significados parecidos em alguns pontos com os do futebol no Brasil, mas também com diferenças, como confli-

tos de classe mais explícitos, já que o rugby também era praticado exclusivamente por homens da elite inglesa e só mais tarde possibilitado a homens da classe trabalhadora. Segundo as autoras:

pressionados pela sociedade britânica a praticar esportes, os homens jovens se viam obrigados a se adaptar à regra; caso contrário, arriscavam-se a ser qualificados como afeminados, o que era associado à noção de homossexualidade. Praticar esportes competitivos, em que a dominação física é celebrada, representa importante recurso social de experiência e validação da masculinidade durante a juventude e a vida adulta (Silva; Almeida, 2020, p. 3-4).

“Ao aprender a jogar ou torcer não se aprende apenas como executar essas práticas da melhor forma possível, mas se ingressa em uma instituição repleta de significados” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 249). No caso de Charlie, ao ser convidado a ingressar na instituição do time de rugby da escola, como visto mais adiante, ele também se coloca num lugar inesperado para um jovem gay, num espaço onde impera a masculinidade baseada na dominação física do outro celebrada em campo, onde tentam lhe ensinar não apenas as regras do jogo, mas as regras do ser homem naquele contexto. Essas normas podem ser associadas à ideia de *imagens de controle* em Collins (2019), da qual se trata a próxima seção.

Imagens de controle e homens gays

O heterossexismo é mais do que a homofobia individual ou um simples ódio direcionado a pessoas LGBTI+, ele opera de forma interseccional, conforme aponta Patricia Hill Collins em seu livro *Pensamento Feminista Negro* (2019), na estruturação de uma matriz de dominação. A autora também propõe, para compreensão dessa matriz interseccional de dominação, o conceito de imagem de controle, detalhado e traduzido para o Brasil por Winnie Bueno (2020), como a dimensão ideológica do racismo, do (hetero)sexismo e de outros eixos de opressão interseccionados utilizados por grupos dominantes para perpetuar padrões de dominação. As autoras têm seus trabalhos centrados no lugar social das mulheres negras, mas podemos compreender que as formulações são muito potentes para uma possível abordagem centrada no lugar social de “homens gays”.

As imagens de controle são a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder. As imagens de controle aplicadas às mulheres negras são baseadas centralmente em estereótipos articulados a partir de categorias de raça e sexualidade, sendo manipulados para conferirem às inequidades sociorracias a aparência de naturalidade e inevitabilidade. Isso se dá porque as imagens de controle estão articuladas no interior da histórica matriz de dominação que caracteriza a dinâmica interseccionada na qual as opressões se manifestam (Bueno, 2020, p. 73).

Desse modo, as imagens de controle são ferramentas de análise da realidade (Bueno, 2020), marcada pela atuação da matriz de dominação, cuja base é o *pensamento binário* (Collins, 2019), a criação de categorias absolutamente opostas como forma de compreensão do mundo e estruturação da sociedade. Nesse sentido, a formulação de Collins (2019) pode ser aproximada à de Wittig (2022) sobre o pensamento hétero, que é também binário.

É a partir do pensamento binário que se estrutura a matriz de dominação, que “se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas”, opressões tratadas como interseccionais justamente porque “a opressão não é redutível a um tipo fundamental” agindo de forma conjunta na produção de injustiça (Collins, 2019, p. 57). As imagens de controle que buscam aprisionar e controlar grupos subalternizados, justificando sua opressão, servem, também, para garantir aos grupos opostos, segundo o pensamento binário, seu lugar de dominadores, ideologicamente justificado pelas imagens de controle.

As relações coloniais de dominação estão centradas no homem branco heterossexual cisgênero com privilégio de classe. E esses, de acordo com Grada Kilomba (2019), são aqueles que efetivamente têm lugar de *sujeito* na sociedade, ou seja, de produtores de sentido, enquanto aos/às Outros/as é imposto o lugar de objeto, sobre os quais se produzem sentidos. O aprisionamento das subjetividades subalternizadas por meio de estereótipos negativos, em relação a uma norma estabelecida pelos dominadores, e seu silenciamento – negação à existência plena, à voz – é um eixo fundamental das relações coloniais de dominação (Kilomba, 2019).

Tomando a ideia de imagem de controle como ferramenta de análise, se existem imagens construídas a respeito dos gays, elas também servem para dizer o que os héteros, como grupo dominante, são ou, na verdade, como gostariam de ser e serem vistos. Isso é perceptível no caso das práticas esportivas como terreno de construção de gênero (e sexualidade), exemplificados aqui na análise dessas relações na primeira temporada de *Heartstopper*.

Charlie aceita a proposta de Nick e se junta ao time de rugby, mesmo se achando muito “pequeno e fraco” para o esporte. Ao chegar ao vestiário do time, Charlie escuta a conversa dos atletas por trás da porta, enquanto todos questionam Nick a respeito da participação de Charlie no time. Harry, o principal dos *bullies* do grupo, chega a dizer que, mesmo que eles saibam que o time não tem grandes chances de estar entre os melhores no campeonato, eles ainda querem ser decentes, querendo dizer que a presença de Charlie dificultaria isso. O mesmo Harry questiona Nick em tom de deboche: “Ele [Charlie] ao menos gosta de esportes? Todo mundo sabe que ele é gay.”

Nessa última fala de Harry, ser gay e gostar de esportes são colocados como opostos absolutos, como se fosse impossível uma pessoa gay gostar de esportes. Segundo Collins (2019), o pensamento binário é o eixo fundamental da estruturação das formas de dominação da modernidade colonial. Nessa estrutura, a diferença é sempre definida em termos opostos de forma que uma parte “não é simplesmente diferente de sua contraparte; é inerentemente oposta a seu ‘outro’” criando associações do tipo po-

sitivo/negativo, desejável/abjeto, cultura/natureza, masculino/feminino, branco/negro, sujeito/objeto (Collins, 2019, p. 136-137). Com base no pensamento binário, molda-se a *matriz de dominação*, que “se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas”, opressões que são tratadas como interseccionais justamente porque “a opressão não é redutível a um tipo fundamental” agindo de forma conjunta na produção de injustiça (Collins, 2019, p. 57).

Em *Heartstopper*, mesmo após acompanhar os treinos, inicialmente totalmente excluído por todos, exceto por Nick e aos poucos ser incluído em dinâmicas coletivas do time – como abraços coletivos de comemoração –, Charlie continuava apenas à beira do campo nos jogos e constantemente falhando em exercícios nos treinos, tendo dificuldade em agarrar a bola e desviando de jogadores que vinham em sua direção em vez de tentar derrubá-los como é orientado. A treinadora do time tenta ensiná-lo a realizar propriamente o momento de *tackle* (derrubar o adversário no rugby). Segundo ela, o segredo do *tackle* é se jogar sem se preocupar em se machucar, o que ela assinala que é “uma questão de confiança”. Charlie responde: “É difícil ser confiante quando todos me veem como o típico gay que é ruim em esportes”.

As imagens de controle são a dimensão ideológica da matriz de dominação, intimamente relacionadas a outras dimensões, como a institucional ou a estrutural. Imagens de controle sobre grupos oprimidos tanto buscam controlar os indivíduos pertencentes a esses grupos, enquadrando-os em estereótipos desumanizantes, como servem para definir a norma por meio de seu oposto. O gay que é ruim em esportes parece se configurar como indício de operação de imagens de controle que estabelece o esporte como um espaço social não destinado aos gays, assim como, por meio do pensamento binário, também coloca o hétero “típico” – ou desejável – como bom em esportes, um homem de verdade.

Fica indicado que parte da dificuldade de Charlie em desenvolver habilidades relacionadas a esportes está no ambiente hostil da prática esportiva – especialmente longe dos olhos da treinadora. Ainda que o rugby seja um esporte de contato, que necessite de força física dos atletas para derrubarem uns aos outros em campo, o que sempre é destacado pelos colegas em relação a Charlie não é que ele seja fraco demais para o esporte e, sim, o fato de ele ser gay. A hostilidade dos garotos do rugby não está pautada por aptidão esportiva ou não, mas por um ideal de masculinidade heterossexual viril entre eles, no qual Charlie não se encaixa. Parece impossível para os adolescentes que um garoto gay possa ter qualquer capacidade para um “esporte de homem” como o rugby.

A homofobia, no caso masculino, aparece como um imperativo. Além de negar qualquer possibilidade de lembrar alguma característica feminina, os garotos não devem deixar nenhuma suspeita de que possam sentir atração por alguém do mesmo sexo.

Nas construções de masculinidades, existe uma preocupação com o grau de intimidade possível nas relações entre homens. Uma das formas mais importantes do afastamento das intimidades pode ser vista nas manifestações homofóbicas. (Bandeira; Seffner, 2013, p. 250).

Os *rugby lads*, os “garotos do rugby” na série, com exceção de Nick, constantemente praticam a homofobia de forma recreativa, que parece servir para reforçar seu lugar de “homens de verdade”, que não têm receio em dominar fisicamente outros no campo de rugby no movimento de *tackle*, estabelecendo-se em oposição a Charlie, ao “gay ruim em esportes”. Nenhum dos “garotos do rugby” é particularmente bom no esporte, como fica explícito na cena do vestiário em que Harry diz que eles “ao menos querem ser decentes”. Estabelecer-se como opostos ao “gay ruim em esportes” parece, ainda, uma forma de héteros no máximo medíocres ou “decentes” no rugby serem considerados muito mais aptos ao esporte e à ideia de virilidade que o acompanha.

Outro ponto relevante é que Nick é o melhor jogador do time escolar de rugby, o único realmente bom no esporte, aliás, a estrela do time. Embora fique claro, desde o primeiro momento em que ele e Charlie se olham, que há um interesse mútuo entre eles – para o público, pelo menos – entre as personagens da série é dito que Nick é obviamente heterossexual, a pessoa mais hétero já vista na escola.

No entanto, Nick é bastante diferente dos demais garotos do time de rugby. Nick Nelson é um personagem bissexual, que vive a “descoberta” de sua sexualidade, de não ser hétero, a partir de seu interesse por Charlie. Ele não é hétero, mas é visto como tal, sem qualquer questionamento, mesmo que não corresponda aos comportamentos dos outros garotos (supostamente) héteros do time de rugby e a homofobia de alguns deles somente é destinada a Nick devido à sua relação – supostamente de amizade apenas – com Charlie, “o garoto gay”.

Por outro lado, Tao Xu, melhor amigo de Charlie e também heterossexual, que detesta esportes e é muito ruim em todos eles, está constantemente na mira do *bullying* homofóbico dos garotos do rugby. Como o controle das sexualidades se dá também por meio do gênero (Bento, 2011), é a aderência ou o distanciamento de comportamentos normativos de masculinidade que dita quem se deparará mais diretamente com a homofobia e quem não. Tanto Nick quanto Tao têm comportamentos diferentes dos garotos do rugby – e de suas ações homofóbicas –, mas é apenas Tao o alvo da homofobia deles.

A prática do esporte, do rugby, aproxima Nick dos demais rapazes e de sua masculinidade – e a masculinidade é sempre validada por outros homens (Bourdieu, 2012) – não apenas por ser parte do time, da mesma coletividade, já que Charlie também é, mas ser bom no esporte, mais ainda, o melhor no esporte. O esporte separa os homens de verdade daqueles que não o são. A imagem do gay ruim em esportes, fisicamente menos capaz, alimenta a imagem do heterossexual viril, bom em esportes, fisicamente superior, que domina os outros.

É importante destacar que, dos dois (Tao e Nick), apenas Nick é branco. A masculinidade hegemônica (Kimmel, 1998), dominadora e viril é também branca. Tao, embora heterossexual, não aparece associado à masculinidade “verdadeira” e à virilidade pelos colegas. No entanto, ainda que seja possível e proveitoso ressaltar marcadores raciais das personagens, considero necessário apontar que ainda que *Heartstopper* tenha personagens (relativamente) racialmente diversos, pouco ou quase nada é trazido

à tona na narrativa da série – desde sua versão original em quadrinhos. Em geral, as histórias das personagens não brancas e de famílias de imigrantes de *Heartstopper* não têm sua raça e origem consideradas de fato.

A sexualidade e a identidade de gênero são claramente marcadores sociais da diferença no universo da série, mas a raça parece não existir como categoria relevante. Ao contrário, no universo da série britânica, a impressão é a de que raça não existe como categoria social, em uma espécie de “cegueira de cor” (*color blindness*). Por um lado, a série traz pessoas não brancas no elenco em papéis de relativo destaque – Elle, Tara e Tao, na primeira temporada. No entanto, já que a forma que essas personagens são escritas desconsidera raça, elas poderiam ser simplesmente substituídas por pessoas brancas sem que alterações relevantes fossem feitas – sobretudo no caso de Tara Jones, “a garota mais popular”, a quem todos os garotos do rugby desejam.

Não pretendo, aqui, uma defesa de que personagens racializadas tenham que ser mostradas sofrendo os efeitos do racismo em produções audiovisuais. No entanto, pode ser considerado, sim, uma limitação de *Heartstopper*³ a desconsideração da categoria raça, sobretudo ao se propor uma produção focada em questões referentes a diversidade. Se foi possível à narrativa da série abordar sexualidade e gênero enquanto marcadores de diferença sem resumir suas personagens à sua sexualidade ou à sua identidade de gênero, o mesmo poderia ser feito em relação a raça, em vez de simplesmente apagar raça como categoria no universo da série.

Ainda assim, a ascendência asiática de Tao não pode ser ignorada aqui, pois, como lembra Kimmel (1998, p. 115), homens asiáticos foram “vistos como pequenos demais, demasiadamente gentis, moles, sem pêlos e afeminados”, como (mais um) outro dos homens “de verdade”, brancos. Dos personagens masculinos de maior destaque na primeira temporada de *Heartstopper*, apenas Tao não é branco, e é ele que está colocado, junto de Charlie, que é gay, em posição de masculinidade subalterna (Kimmel, 1998).

Homens brancos têm outras formas de serem considerados viris, estando no lugar de masculinidade “verdadeira”, beneficiados pelo patriarcado branco (Kilomba, 2019) heterossexista. É indicado, na série, que os ataques a Charlie começaram apenas após o garoto ser tirado do armário, ou seja, descobrirem que ele é gay – e ele não ter negado isso. Não fica claro se Tao era diminuído e perseguido pelos garotos do rugby antes do bullying homofóbico vivido por Charlie e das tentativas de Tao de defender o amigo. É possível que Charlie tivesse mais possibilidades de ocupar um lugar mais confortável no colégio por ser um garoto branco, enquanto Tao não é.

Isso deixa claro que o direito à complexidade, o status de sujeito (Kilomba, 2019) de fato, está destinado aos homens héteros brancos. Ainda que Nick seja apresentado como um rapaz com comportamentos muito diferentes – e menos viris – do que os de seus colegas de time, o que inclui sua recusa à homofobia, sua heterossexualidade e

3 Vale lembrar que esta não é uma exclusividade da série *Heartstopper*. Outra produção britânica da Netflix que traz questões de diversidade, *Sex Education*, tem problemas semelhantes de desconsideração de raça como categoria social em suas duas primeiras temporadas. Por outro lado, a sueca *Young Royals* e a australiana *Heartbreak High*, as duas também da Netflix, constroem narrativas para suas personagens que não desconsideram o marcador de raça como categoria social e relacional.

masculinidade não é, em geral, posta em questão. Como grupo dominante, o lugar de subjetividade possivelmente complexa é reservado apenas aos homens (supostamente) heterossexuais brancos.

Autodefinição de Charlie Spring e o papel do esporte

“Muitos gays são bons em esportes, Charlie” – é o que diz a treinadora do time de rugby e professora de Educação Física da escola – diz a Charlie após tentar lhe ensinar a execução do *tackle*, dando-lhe uma lição sobre (auto)confiança. Depois disso, Charlie busca praticar o movimento sozinho antes de ter de jogar como titular.

No jogo, enfrentando o time de uma escola especializada em esportes, no qual todos os atletas são muito maiores e mais fortes do que os da escola de Nick e Charlie, o garoto tenta seguir os conselhos da treinadora e se jogar sem medo de se machucar, tentando derrubar um atleta adversário. O jogador adversário, muito maior e mais forte, consegue se impor fisicamente sobre Charlie, não é derrubado, avança e, como resultado da colisão, Charlie termina o jogo machucado e sangrando.

É claro, o segredo do *tackle* não é apenas confiança. Também é preciso força física, técnica correta, muito treino, entre outras coisas. Há uma piada frequentemente em *Heartstopper* sobre ninguém conhecer as regras do rugby, ao menos entre os que assistem ao esporte e não o praticam. É fácil supor que poucos brasileiros conheçam as regras do jogo, já que não é um esporte popular aqui. Admito, também, que não as conheço, no entanto, a série demonstra que a força não seria o único atributo possível para jogadores de rugby, justamente porque Nick convida Charlie para o time por conta de sua velocidade. No entanto, ao longo das cenas dos treinos e dos jogos, Charlie nunca tem a chance de executar o que faz de melhor em práticas esportivas: correr.

Heartstopper não busca uma história de superação de Charlie no rugby. Ao contrário, ele pede à treinadora para se desligar do time e encerra sua história com o rugby. Imediatamente, a treinadora questiona por que ele quer sair e se “precisa falar com alguém”, implicando uma desconfiança dela de que a homofobia dos colegas de time seria o motivo para a vontade de Charlie de se afastar.

É possível dizer que, nesse momento, a treinadora busca – novamente – exercer seu papel de professora para evitar a homofobia no time, que pode, de fato, afastar muitos jovens das práticas esportivas. É uma tentativa de acolhimento, que Prado e Ribeiro (2010) defendem como papel e dever de docentes de Educação Física no espaço escolar. Na série, essa tentativa de acolher Charlie e defendê-lo da homofobia dos colegas ganha força pela treinadora ser uma mulher lésbica.

Considero, porém, ser possível marcar um processo de *autodefinição* de Charlie. Tal elaboração de um ponto de vista autodefinido de si não se dá – como poderiam defender abordagens apoiadas em perspectivas mais pautadas por uma racionalidade neoliberal – a partir de uma superação de obstáculos e dificuldades, de força de vontade, que o tornariam um bom jogador de rugby. Ao contrário, Charlie percebe que não quer ser um jogador de rugby e se afasta do time.

É claro que se manter no time e se tornar bom no rugby poderia consistir num desafio, em algum nível, a uma imagem de controle de “gay ruim em esportes” ao se mostrar bem-sucedido em um esporte absolutamente marcado por uma masculinidade (hetero) viril. Penso, no entanto, que tal perspectiva carrega em si possíveis armadilhas. O rugby é um esporte coletivo, e Charlie não teve colaboração de fato do restante do time justamente por ser gay.

A aposta numa história de superação, que o tornasse bem-sucedido no rugby, poderia cair na romantização dessas dificuldades que vêm de uma matriz de dominação que tem como um de seus eixos o heterossexismo (Collins, 2019). Haver um ou vários gays bons em esportes, como uma representação positiva, não é de fato contrapor uma imagem de controle pautada numa representação negativa. A simples substituição de representações negativas por representações positivas não implica um desafio à matriz de dominação (Collins, 2019; hooks, 2019).

Em trabalhos anteriores (Pereira, 2022), estabeleci aproximações da obra de Grada Kilomba (2019) sobre o racismo cotidiano e descolonização do “eu” das experiências e elaborações de subjetividades bichas, identificando proximidades nas lógicas e dinâmicas do racismo cotidiano e de uma homofobia cotidiana, marcada pelo heteroterrorismo (Bento, 2011), compreendendo tanto o racismo quanto o heterossexismo, em diálogo com Collins (2019), como eixos de uma mesma matriz interseccional de dominação. Quando Kilomba (2019) discute o que ela chama de descolonização do eu – que busquei⁴ relacionar a processos de autodefinição –, a autora alerta para a armadilha da busca da perfeição:

A fantasia de perfeição, no entanto, não é deveras gratificante. Ela leva a um estado constante de decepção. É preciso compreender o racismo [bem como heteroterrorismo] cotidiano como um ataque violento inesperado e que, de repente, a pessoa é surpreendida pelo choque de sua violência e, nesse sentido, nem sempre é possível responder. A intenção de uma resposta “perfeita” cultiva a noção de um ego ideal, um ego que reaja sempre em conformidade toda vez que o sujeito branco age (Kilomba, 2019, p. 234, grifos da autora).

Kilomba (2019) destaca que, nessa fantasia de perfeição, enquanto o grupo dominante – marcadamente a branquitude heterossexual – “pode ser incoerente e ter defeitos”, é esperado que pessoas em lugar de subalternização ocupem uma posição de personagem heroica “que tem ‘respostas’ para vários ataques imprevisíveis”, o que forma uma contradição absoluta “pelo fato de também sermos seres humanos” (Kilomba, 2019, p. 234). Compreendo que é a recusa de Charlie em buscar uma adequação a uma prática esportiva inesperada para um rapaz gay, a recusa em dar a resposta “certa”, em reagir por meio da adequação ou “calar a boca” dos *bullies*, que inicia uma possibilidade de elaboração de uma perspectiva autodefinida de si, que lhe possibilite complexidade e humanidade. Os treinos do time de rugby colocavam Charlie em

4 Para mais a esse respeito ver: (Pereira, 2022).

confronto direto com os “garotos do rugby”, grupo do qual ele nunca fez parte – ainda que integrasse o time em si – e o afastavam de seus amigos, de sua comunidade, a não ser de Nick.

O colégio onde os rapazes estudam realiza anualmente, juntamente com a escola exclusiva para garotas, o “Dia dos Esportes”. Naquela data, todos os alunos são obrigados a se inscreverem em uma prova esportiva, entre diversas modalidades possíveis. Trata-se de um dos raros momentos na série em que há interação entre os alunos e alunas, já que as escolas de *Heartstopper* são segregadas por gênero – e é interessante que a junção das escolas se dá num dia destinado a atividades esportivas, que são segregadas por gênero.

Charlie pergunta aos amigos se eles se inscreveriam novamente no arremesso de dardo e fariam a prova juntos, mas isso não seria possível, pois Charlie estava no time de rugby, e todos os membros do time deveriam participar da atividade de rugby no “Dia dos Esportes”. Esse é um motivo forte para a saída de Charlie do time: ele escolhe ter a possibilidade de estar com seus amigos, mesmo que ele e Tao estivessem brigados na ocasião.

Tao é, inclusive, o único aluno das duas escolas a não se inscrevem para nenhuma prova. A treinadora lhe diz, então, que ele deve participar da prova de corrida, pois é a única ainda disponível. Para evitar que Tao seja obrigado a correr – algo que ele odeia fazer –, Charlie pede que troquem de coletes, para que ele possa correr no lugar do amigo. Ao chegar à pista de corrida, Charlie é intimidado por Ben Hope, outro aluno da escola com quem Charlie teve um relacionamento às escondidas e que vinha assediando Charlie desde que este quis terminar. Na pista de corrida, Charlie vence a prova com relativa tranquilidade e, após isso, confronta Ben – que está exausto após a corrida. Essa cena da corrida marca uma virada de Charlie no final da série, como um momento de superação de inseguranças.

Análises de campanhas publicitárias de marcas ligadas à prática da corrida como esporte (Marques; Santos, 2016; 2017) demonstram que, em tais campanhas, bem como socialmente, o correr está amplamente associado à liberdade, à fuga dos problemas e do cotidiano e à ideia de superação de desafios e limites. Ainda que se tratando de discurso publicitário o foco dessas campanhas esteja no estímulo ao consumo e aspectos mercadológicos, essa associação entre o correr e a sensação de liberdade é útil aqui.

Não parece ser coincidência que Charlie seja bom justamente em correr. Na cena do último episódio em que ele vence a prova de corrida, com ampla vantagem, é também o momento em que Charlie supera desafios e se liberta de traumas – ao vencer Ben na pista. No fim, é uma prática esportiva que serve como símbolo na série do estabelecimento de um ponto de vista autodefinido de si para Charlie.

Considerações

Ainda que *Heartstopper* não seja uma série sobre esportes, as práticas esportivas, marcadamente o rugby e a corrida, são relevantes ao longo da história e do de-

envolvimento das personagens. De modo semelhante, as práticas esportivas têm importância nas relações sociais que ultrapassam os campos e as quadras. Aulas de Educação Física nas escolas são frequentemente momentos marcantes para crianças e jovens gays, diante da homofobia e da disciplina de gênero e sexualidade (Prado; Ribeiro, 2010).

Observar as relações entre sujeitos gays e práticas esportivas, na ficção ou nas vivências reais, pode ser um movimento significativo para compreensão de imagens de controle referentes a sujeitos gays. Desse modo, as práticas esportivas espaços/instituições fundamentais no aprendizado do que significa ser homem em nossa sociedade, e ser homem *de verdade* implica ser hétero e homofóbico (Bandeira; Seffner, 2013).

Ainda que não dê, por meio apenas da análise da série, para estabelecer de fato uma imagem de controle referente a homens gays, acredito que seja possível falar em elementos capazes de compor uma imagem de controle, que não é viável nomear, ainda, neste trabalho. Estabelecer e nomear uma ou mais imagens de controle específicas à experiência de opressão de homens gays necessitaria de análises mais aprofundadas e de outros elementos da matriz de dominação, empreendimento a ser realizado em trabalhos futuros.

No entanto, já é identificado o funcionamento de elementos formadores de imagens de controle que atravessam as práticas esportivas em seu papel de construção de gênero e sexualidade. A masculinidade heterossexual viril e homofóbica dominante e desejável no território de práticas esportivas como o rugby, exemplo da série, parece precisar – num esquema de pensamento binário (Collins, 2019) – definir para si um oposto, que a justifique como tal.

É preciso estabelecer ideologicamente, por meio de imagens de controle (Collins, 2019; Bueno, 2020), que o espaço da prática esportiva “de homens” não é dos gays, que os gays são ruins em esportes, sem aptidão para tal. Tais imagens da prática esportiva resguarda o espaço de intimidade entre homens (Bandeira; Seffner, 2013) de ser visto como um espaço gay. Ao contrário, excluir ideologicamente os gays, tornando-os o oposto da imagem do esportista viril, ajuda a criar e justificar ideologicamente a virilidade das práticas esportivas “masculinas”.

Em *Heartstopper*, também é uma prática esportiva que simboliza uma virada no protagonista da série, Charlie. Vale lembrar que a prática escolhida pela série é justamente a corrida, amplamente associada à ideia de liberdade. Não sendo nem o “típico gay ruim em esportes” e nem um “gay especial”, raro, com talento inesperado num esporte “ másculo”, mas não sabotando sua habilidade de corredor, Charlie estabelece uma relação complexa com as práticas esportivas. E a complexidade é uma marca de *sujeitos* (Kilomba, 2019), lugar que é negado a grupos desfavorecidos pela matriz interseccional de dominação (Collins, 2019).

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 548-559, maio/ ago. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998.

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. **Linguagens Pajubeyras**: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade. Salvador. Editora Devires, 2017.

MARQUES, José Carlos; SANTOS, Mikael Corrêa dos. Corrida de rua e representação social: análise da campanha publicitária “it’s runderful” da Mizuno. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 2, nov. 2016.

MARQUES, José Carlos; SANTOS, Mikael Corrêa dos. Corrida de rua: esporte, diversão e consumo. análise da campanha publicitária “vem junto” da marca Nike. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0426-1.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação! **Periódicus**, v. 1, n. 9, maio/out. 2018.

PEREIRA, Pedro Augusto Elias Cardoso. **Vamos pertencer e nos encontrar juntos**: narrativas compartilhadas, afetos e subjetivação no Projeto Guardei no Armário. 2022. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2022.

PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402-4013, abr./jun. 2010.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso da; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de. Masculinidades no esporte: o caso do rugby. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, 2020.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Recebido em: 13 dez. 2023
Aprovado em: 18 mar. 2024